

RESENHA

FIENGO, R. & R. MAY (1994) *Indices and Identity*. Cambridge: MIT Press, 315 pp.

Resenhado por: Sonia Maria Lazzarini CYRINO (Universidade Estadual de Londrina)

Key-words: reference and co-reference; anaphora; indexing and identity; binding theory; generative theory.

Palavras-chave: referência e co-referência; anáfora; indexação e identidade; teoria da ligação; teoria gerativa.

Em *Indices and Identity*, Robert Fiengo e Robert May (doravante, F&M) preocupam-se em definir as condições segundo as quais duas ou mais expressões de uma língua podem ser consideradas como iguais ou diferentes. Dentro desse propósito, e levando em conta que na teoria gerativa faz-se uso de índices para caracterizar identidade entre expressões, os autores desenvolvem uma teoria de indexação que também aborda questões de anáfora. O livro é um trabalho extenso sobre fenômenos que pouco foram abordados dentro da GB. É minucioso na sua argumentação e lança várias questões em notas de rodapé.

Primeiramente, os autores discutem questões de referência, co-referência e não-co-referência. Sua posição é que expressões são coindexadas somente se são co-referentes. A não-co-indexação de expressões, por outro lado, não diz nada sobre a co-referencialidade de NPs. Assim, propõem a seguinte generalização (p.4):

The coindexing of NPs in S does not contribute to the meaning of S that the NPs are co-valued.

Se não é parte do significado de S que NPs tenham o mesmo índice, então a estrutura indexical dos NPs deixa em aberto se esses

sintagmas têm o mesmo valor ou não. Os autores afirmam: "We now understand a speaker who uses a sentence that contains noncoindexed referential NPs, which otherwise meet the requirements of Binding Theory, as using a sentence for which we cannot specify - in virtue of indices - any meaning in which the NPs are coreferential" (p.4).

Os autores mostram como essa generalização opera em diversos casos, apontando como sua análise dá conta de exemplos em que a co-referencialidade de NPs está em jogo. O capítulo é um bela discussão desses tópicos, mencionando tratamentos anteriores, entre eles, Lasnik (1976), Reinhart (1983) e Evans (1980).

Nos capítulos seguintes, F & M desenvolvem a Teoria da Dependência, que é uma teoria de dependências em termos de co-referência. Assim, um pronome é um tipo de ocorrência alfa se é independente: sua referência não depende de um antecedente no mesmo marcador sintagmático ("phrase marker") - uma noção simétrica. Por outro lado, um pronome é uma ocorrência do tipo beta se é dependente de um antecedente no mesmo marcador sintagmático - uma noção assimétrica. Veja o exemplo:

- (1) John saw his mother
'John viu a mãe dele'

O pronome que ocorre nesta sentença pode ser uma ocorrência alfa, tendo nesse caso seu referente no seu antecedente coindexado, ou seja John (que também tem um índice do tipo alfa, por ser uma expressão não-pronominal, um nome). Uma outra maneira de um pronome do tipo alfa obter sua referência é pela ostensão, ou demonstração (gestos).

Por outro lado, o pronome em (1) também pode ser uma ocorrência do tipo beta. Nesse caso, vai ter sua referência determinada pelo antecedente que tiver uma ocorrência do tipo alfa, no mesmo marcador sintagmático. Em (1), claro, o antecedente vai ser também o NP John. Assim, em (1), o pronome e o NP são co-referentes, mas, dependendo do tipo de índice, essa co-referencialidade acontece através de mecanismos diferentes.

É importante acrescentar aqui, que F&M argumentam a favor de sua Teoria da Dependência em adição à Teoria da Vinculação. A Teoria da Vinculação seria uma teoria de como índices são distribuídos, e as propriedades da hierarquia de uma estrutura (c-comando) são, portanto, relevantes. A Teoria da Dependência, por outro lado, é uma teoria de como os índices podem estar relacionados, e as propriedades lineares de uma estrutura são, então, relevantes.

Usando os mecanismos desta Teoria da Dependência tratada de forma muito resumida acima, F&M incorporam na sintaxe as diferenças entre as leituras estrita e imprecisa ("strict" e "sloppy") possíveis em elipse de VP. Uma leitura estrita de um pronome vai corresponder a uma ocorrência de tipo alfa do pronome elidido. Uma leitura imprecisa de um pronome será correspondente a uma ocorrência beta do pronome na estrutura elíptica. Isto é decorrente, de um certo modo, do fato de que as ocorrências do tipo beta devem ser "resolvidas" (= encontrar seu antecedente) dentro de seu marcador sintagmático.

F & M propõem que a elipse esteja sujeita a um processo mais geral, ao nível de FL: a reconstrução. Segundo os autores, a reconstrução é uma condição necessária, mas não suficiente para a elipse. Outros fatores estão em jogo, como a questão dos elementos que podem contar como regente apropriado para o material elidido, conforme o discutido em Zagana (1982), Lobeck (1987) e Matos (1992). Para o inglês, o auxiliar conta como verbal; é, portanto, regente apropriado. Para outras línguas, INFL se torna o licenciador através da subida de V. De acordo com F&M, entretanto, a natureza da reconstrução seria a mesma nas diversas línguas, pois seria como uma condição de identidade sintática.

Reconstrução é um conjunto de estruturas "tokens" sob uma condição de identidade sintática. São ocorrências de um (sub)marcador sintagmático ("(sub)phrase marker") em um discurso, sobre um dado vocabulário terminal. Os membros de uma reconstrução podem ser explícitos ou não. Por exemplo, em (2):

- (2) Max left and Oscar left, too.
'Max saiu e Oscar também saiu'

temos dois membros de uma reconstrução de VP que não estão elididos. Para F&M, não é relevante o fato de membros da reconstrução serem elípticos ou não.

No caso da elipse, o VP antecedente serve como identificador (em algum sentido) do material reconstruído. Porém a noção de reconstrução em si mesma não inclui uma noção de antecedência. É somente uma condição de identidade dentro de uma teoria de representação estrutural: ela explicita quais ocorrências são iguais em um marcador sintagmático. F&M, assim, propõem que elipse é um processo do uso da língua, mas reconstrução é parte da estrutura da língua. Os autores frisam a distinção que deve ser feita entre "elipse" e "reconstrução" em várias partes de seu livro. Porém, enfatizam que conquanto possa haver reconstrução sem elipse, não pode haver elipse sem reconstrução. Em outras palavras, elipse requer reconstrução, mas reconstrução não significa elipse.

Independentemente de serem pronunciados ou não, os membros de uma reconstrução preservam a categoria gramatical e as relações lineares e de dominância dentro da categoria gramatical: todas as ocorrências serão compostas estruturalmente da mesma forma (com exceção dos índices propostos por F&M em sua Teoria da Dependência, e "vehicle change" - ver abaixo). Além disso as ocorrências devem ser do mesmo vocabulário terminal. Na teoria de F&M, a reconstrução é uma "cópia carbono" estrutural de seu antecedente, respeitando o tipo de índice.

A teoria de F&M permite que traços de concordância sejam irrelevantes para a reconstrução. Assim, (3) mostra que, independente de traços Φ (phi) (e também outras flexões verbais), a reconstrução está presente (F&M:218):

- (3) I turned in my assignment, but most of the other students didn't.

'Eu entreguei minha tarefa, mas a maioria dos outros alunos não entregou'

A esse aspecto da reconstrução, em que a forma sintática que expressa um dado argumento está de alguma forma alterada entre os

"tokens" da reconstrução, F&M (p.218) denominam "mudança de veículo" ("vehicle change"). "Vehicle change" é também o responsável por sentenças como (4) (F&M:220):

- (4) Mary loves John, and he thinks Sally does too.
'Mary ama John, e ele pensa que Sally também'

onde o nome reconstruído deve ser mudado para o pronome correspondente na reconstrução, para não violar a condição C da Teoria da Vinculação.

Mas é no capítulo 4 que F&M apresentam os melhores argumentos para a reconstrução como estrutura presente em elipse. Nesse capítulo, apresentam os "enigmas eliminativos da elipse" ("eliminative puzzles of ellipsis"), mostrando como a teoria de reconstrução para elipse de VP é preferível, ao contrário de outras teorias, que não explicam esse fenômeno.

F&M observam o seguinte enigma ("puzzle"): A elipse não afeta a anáfora, mas limita a deixis. Na sentença (5) temos uma elipse de VP, e em (6) as possibilidades lógicas de interpretação do pronome elidido. Notamos que uma delas, (6d) não pode ser realizada:

- (5) João viu a mãe dele, e Pedro também viu.
'John saw his mother, and Peter did too'
- (6) a. João₁ viu a mãe dele₁, e Pedro₂ também viu a mãe dele₁
b. João₁ viu a mãe dele₁, e Pedro₂ também viu a mãe dele₂
c. João₁ viu a mãe dele₃, e Pedro₂ também viu a mãe dele₃
d. *João₁ viu a mãe dele₃, e Pedro₂ também viu a mãe dele₄

O fato interessante é que todas as possibilidades em (6) são possíveis quando não há elipse, como em (7):

- (7) João viu a mãe dele, e Pedro viu a mãe dele.

onde a interpretação dos pronomes como em (6d) seria acompanhada de gestos (deixis). Assim, F&M afirmam que a elipse não é conservadora, mas sim, eliminativa, pois elimina uma possível interpretação.

O enigma se torna mais interessante quando se aumenta, ou o número de pronomes envolvidos, ou o número de elipses. O primeiro enigma é chamado por F&M, "the many-pronoun puzzle" (o fenômeno dos múltiplos pronomes), e o segundo, "the many-clause puzzle" (o fenômeno das múltiplas cláusulas). Além desses dois enigmas, F&M ainda descrevem um outro, que denominam "enigma de Dahl" ("Dahl puzzle"), por ser Dahl (1973) o primeiro a observá-lo.

O ponto de F&M é que nenhuma teoria anterior sobre a elipse pode dar conta dos enigmas eliminativos da elipse - sua teoria de reconstrução aliada à sua Teoria da Dependência, no entanto, consegue explicar e prever o fenômeno. F&M mostram como várias teorias da elipse em quadros teóricos variados são inadequadas. Algumas podem dar conta de certos enigmas, mas nenhuma dá conta de todos.

Como vimos, na teoria de F&M a leitura estrita ou imprecisa ("strict" ou "sloppy") é consequência do tipo de ocorrência do pronome, ou seja, pronomes podem ter ocorrências independentes (α) ou dependentes (β). Se uma ocorrência de um índice é independente, a reconstrução "copia" a ocorrência desse índice. Se é dependente, o processo de reconstrução "copia" a dependência.

Assim, F&M conseguem explicar os fenômenos eliminativos da elipse em (8).

- (8) Max viu a mãe dele, e Oscar também viu
- a. Max₁ viu a mãe dele ^{α} ₁, e Oscar₂ também viu a mãe dele ^{α} ₁
 - b. Max₁ viu a mãe dele ^{β} ₁, e Oscar₂ também viu a mãe dele ^{β} ₂
 - c. Max₁ viu a mãe dele ^{α} ₃, e Oscar₂ também viu a mãe dele ^{α} ₃

A quarta leitura (impossível) de (8), (como (6d)), não é uma leitura possível na teoria de F&M, pois a ocorrência independente, $dele^{\alpha 4}$, não tem um antecedente para que possa ser reconstruída.

F&M propõem um sistema em que as dependências dentro de uma reconstrução devem ser bem-formadas para que possam ser consideradas o mesmo objeto e ter identidade sintática. Para uma ocorrência do tipo alfa ser bem-formada, ela deve ser uma cópia-i, isto é, uma cópia idêntica, ter uma descrição estrutural idêntica a seu antecedente, sendo uma ocorrência de um mesmo dado índice. Para uma ocorrência do tipo beta ser bem-formada, por outro lado, pode haver um índice diferente, contanto que a dependência seja resolvida dentro de seu marcador sintagmático. Isso é o que ocorre em (9c), mas não em (9d). Assim, conseguem explicar o enigma dos múltiplos pronomes, em (9):

- (9) Max disse que ele viu a mãe dele, e Oscar também disse
- a. Max₁ disse que $ele^{\alpha 1}$ viu a mãe $dele^{\alpha 1}$, e Oscar₂ também disse que $ele^{\alpha 1}$ viu a mãe $dele^{\alpha 1}$
 - b. Max₁ disse que $ele^{\beta 1}$ viu a mãe $dele^{\beta 1}$, e Oscar₂ também disse que $ele^{\beta 2}$ viu a mãe $dele^{\beta 2}$
 - c. Max₁ disse que $ele^{\beta 1}$ viu a mãe $dele^{\beta 1}$, e Oscar₂ também disse que $ele^{\beta 2}$ viu a mãe $dele^{\alpha 1}$
 - d. *Max₁ disse que $ele^{\alpha 1}$ viu a mãe $dele^{\beta 1}$, e Oscar₂ também disse que $ele^{\alpha 1}$ viu a mãe $dele^{\beta 2}$

Para o enigma das cláusulas múltiplas, em (10), temos mais de uma elipse relativa a um pronome:

- (10) Max viu a mãe dele, Oscar também viu, mas Sam não viu

Neste enigma somente as leituras estrita ou imprecisa de todos os pronomes elididos (a leitura "across-the-board") são possíveis. Em outras palavras, nenhuma leitura mista é possível, ao passo que onde não há elipse a restrição não ocorre:

- (11) Max viu a mãe dele, Oscar também viu a mãe dele, mas Sam não viu a mãe dele.

A solução de F&M será a reconstrução do tipo de ocorrência do pronome da cláusula anterior. Assim, representações mistas serão excluídas, pois não serão bem-formadas: implicam em reconstruir ocorrências alfa como sendo ocorrências beta, e vice-versa.

O enigma Dahl é exemplificado na sentença (12); além da leitura "across-the-board", há mais uma leitura possível, em que o pronome elidido na cláusula medial é interpretado como "impreciso", ao passo que na cláusula final, o pronome elidido é interpretado como "estrito" em relação ao pronome elidido na cláusula medial:

- (12) Max acha que ele é forte, Oscar também acha, mas o pai dele não acha

A explicação para as ocorrências mistas do enigma Dahl está na correlação entre leitura estrita e ocorrência do tipo alfa, e leitura imprecisa e ocorrência do tipo beta.

De uma forma muito resumida, vimos como F&M dão conta desses fenômenos da elipse. O ponto é que sua teoria pode explicar esses fenômenos através da ambigüidade na ocorrência de pronomes: estes podem ser diferentes ocorrências, conforme o tipo de índice a eles atribuído. A teoria de F&M dá conta, então, de dois aspectos da elipse de VP: a) explica as leituras estrita e imprecisa ("strict" e "sloppy"), pois fazem uso da reconstrução e colocam no pronome a ambigüidade existente; b) explica os enigmas eliminativos da elipse.

Finalmente, no capítulo 6 ("Logical Form and Reconstruction") F&M tratam de vários problemas com relação à representação da reconstrução em FL e sua interação com restrições gramaticais, dando ênfase ao fenômeno de "antecedent-contained deletion". Esse fenômeno mostra que a estrutura elíptica somente pode ser projetada em FL, após o movimento de quantificadores. Esse fato reforça a argumentação de que a estrutura de elipse só vai ser projetada no ponto da derivação em que essa identidade é satisfeita.

A proposta de F&M deve ser repensada em termos do Programa Minimalista (Chomsky, 1992), mas já se apresenta interessante por dar conta de problemas que outras teorias (interpretativas) de elipse

de VP não conseguem. F&M propõem que as propriedades formais da língua serão responsáveis pelas diferentes leituras das estruturas de elipse, em oposição à semântica, ou ao "componente interpretativo" como parte da Gramática do Discurso, como proposto por Williams (1977) e também por Chao (1987). Ao colocar esses problemas dentro da sintaxe (FL), a teoria torna-se mais explicativa em termos de aquisição de língua.

(Recebido em 08/05/1995. Aceito em 04/01/1996.)

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- CHAO, W. (1987) On ellipsis. Tese de doutorado. University of Massachusetts, Amherst, EUA.
- CHOMSKY, N. (1992) A minimalist program for linguistic theory MIT. *Occasional Papers in Linguistics*, 1. Cambridge, EUA.
- DAHL, O. (1973) On so-called 'sloppy identity'. *Synthese*, 26: 81-112.
- EVANS, G. (1980) Pronouns. *Linguistic Inquiry*, 11(2): 337-362.
- LASNIK, H. (1976) Remarks on coreference. *Linguistic Analysis* 2: 1-22.
- LOBECK, A. (1987) *Syntactic Constraints on VP Ellipsis*. Tese de doutorado. University of Washington, EUA.
- MATOS, M. G. A. P. (1992) *Construções de Elipse de Predicado em Português - SV nulo e despojamento*. Tese de doutorado. Universidade de Lisboa, Portugal.
- REINHART, T. (1983) *Anaphora and Semantic Interpretation*. Londres: Croon Helm.
- WILLIAMS, E. (1977) Discourse and logical form. *Linguistic Inquiry*, 8: 103-139.
- ZAGONA, K. (1982) *Government and Proper Government of Verbal Projections*. Tese de doutorado. University of Washington, EUA.